

O exemplo de fé e superação de Luiz Henrique na Farmácia

O especialista responde

Antes de...

Estão falando por aí

Veja as edições anteriores



ed. 100
15/02/2026
Jornalista responsável: Kella Metz

Principal

De Inajá para a aprovação em 1º lugar: a trajetória de fé e superação de Luiz Henrique na Farmácia

Aos 23 anos, Luiz Henrique Vitor carrega no currículo mais do que uma formação acadêmica. Natural de Inajá, no interior do Paraná, ele traz na bagagem a força de uma família simples, o trabalho desde cedo e uma fé que, segundo ele, sempre guiou suas decisões. Recém-formado em Farmácia pela modalidade EAD da UniFatecie, Luiz acaba de conquistar o primeiro lugar em um concurso público para farmacêutico — feito que o levou, inclusive, a solicitar a colação de grau antecipada para assumir o cargo.

A história até aqui, no entanto, foi construída passo a passo, entre

desafios financeiros, jornadas duplas de trabalho e até o preconceito contra o Ensino à Distância.

Raízes simples, sonhos grandes

Filho de uma mãe aposentada e de um pai motorista — ambos servidores públicos — Luiz cresceu em uma família trabalhadora. Além dos empregos formais, os pais mantêm uma lanchonete e vendem caldo de cana aos fins de semana. “Sempre trabalhamos muito. Não somos de posses, mas nunca nos faltou o essencial”, conta.

Morando com os pais em casa alugada, mas com estabilidade conquistada com esforço — carro



na garagem, uma motocicleta para o dia a dia e todos trabalhando — ele aprendeu desde cedo o valor da responsabilidade. Antes mesmo da faculdade, já estava inserido no comércio da família.

O interesse pela área da saúde surgiu ainda no Ensino Médio, quando fez um curso pago de atendente na área. O desejo de cursar Farmácia já existia, mas a realidade falava mais alto. Em uma cidade com apenas duas farmácias — ambas administradas por famílias — as oportunidades eram quase inexistentes.

Após concluir o Ensino Médio em 2019, tentou ingressar na Graduação. Conseguiu 50% de bolsa pelo Prouni para Enfermagem, mas, mesmo assim, a mensalidade ainda era inviável. Em 2020, com a pandemia, adiou o sonho e dedicou-se integralmente ao comércio da família.

Fé, portas abertas e o primeiro passo na farmácia. Em 2021, determinada a conquistar um emprego formal, Luiz fez o que

sempre fez nos momentos decisivos: orou. “Antes de grandes decisões, eu oro bastante. Peço discernimento. E Deus sempre preparou algo para mim”, afirma.

Conseguiu uma vaga como secretário e auxiliar administrativo na Colônia de Pescadores da cidade. Pouco tempo depois, durante o lockdown, surgiu a oportunidade de fazer entregas para uma farmácia local — ele tinha uma motocicleta e era a pessoa certa na hora certa.

O que começou como um trabalho temporário virou porta de entrada para o setor onde ele realmente queria estar. Em setembro de 2021, após pedir desligamento da Colônia em meio a um ambiente de estresse e instabilidade, enviou uma mensagem à proprietária da farmácia colocando-se à disposição. No dia seguinte, recebeu o convite para

começar.

“Entrei achando que seria fácil. E não foi. Foi um choque”, relembra. Medicamentos de referência, similares, genéricos, perfumaria, atendimento, localização de produtos — tudo era novo. Mas, em vez de recuar, ele se encontrou ali.

O início na UniFatecie e o enfrentamento do preconceito. Foi nesse período que surgiu a oportunidade de cursar Farmácia EAD na UniFatecie. Inicialmente, o valor da mensalidade pesou no orçamento. Mas na Black Friday daquele ano, a mensalidade caiu para R\$ 149,90. Luiz fez a matrícula, comprou um notebook e decidiu começar.

O primeiro ano não foi simples. Além da adaptação ao Ensino à Distância, enfrentou o preconceito. “Quando a



a gente falava que fazia Farmácia EAD, tinha gente que tirava sarro. Diziam que a gente ia aplicar injeção em maçã”, conta.

Apesar dos comentários, ele seguiu firme. Destaca as adaptações práticas realizadas ao longo do curso, como atividades de microbiologia e análises experimentais, que contribuíram para o aprendizado. Mas sempre reforça: “Quem faz a graduação é o aluno. Seja EAD ou presencial.”

Da sala virtual ao estágio transformador

No segundo ano, já trabalhando meio período na farmácia, surgiu um processo seletivo para estágio na área no município. Luiz foi o único inscrito e assumiu a vaga em maio de 2023.

Foram quase dois anos de estágio que ele define como divisor de águas. Sob supervisão da farmacêutica Isabela, viveu a prática da assistência farmacêutica: dispensação de medicamentos do Hiperdia, insulinas, fármacos

refrigerados, componentes especializados (CEAF) e atendimento direto à população. “O primeiro trabalho que ela me deu foi explicar a diferença entre bromoprida, metoclopramida, Vonal e Dramin. Eu fiquei entusiasmado estudando aquilo”, lembra.

Mais do que conhecimento técnico, recebeu lições para a vida: “É melhor você perguntar na hora que você não sabe do que ficar sem conhecimento o resto da vida.”

Aprovação em 1º lugar e colação antecipada

Determinado a crescer profissionalmente, Luiz passou a incluir simulados de concurso na rotina de estudos. “Sempre tem uma coisa que você não sabe. Aí você pesquisa. É uma interação medicamentosa, uma diluição, uma conduta. Você precisa buscar além

da apostila.”

O esforço deu resultado: aprovado em primeiro lugar no concurso público para farmacêutico do município de Santo Inácio, precisou solicitar a colação de grau antecipada para assumir o cargo.

A conquista representa mais do que estabilidade profissional. É a realização de um sonho que começou ainda no ensino médio, enfrentou limitações financeiras, uma pandemia e o preconceito contra o EAD.

Um farmacêutico que quer ser referência

Hoje, já formado, Luiz fala com convicção sobre o tipo de profissional que deseja ser.

“Quero ser um farmacêutico que presta assistência de verdade. Que é

referência para os pacientes. Que, quando não sabe, busca saber. A gente não pode perder a humildade.”

Para ele, estudar à distância exige disciplina e protagonismo. Seu conselho aos novos alunos é direto: “Não fique só no que a faculdade entrega. Busque mais. Vá além da apostila. Porque na prática vão te perguntar — e você precisa saber.”

Luiz Henrique é a prova de que o ensino à distância, quando aliado à dedicação, prática e perseverança, transforma realidades. De Inajá para o primeiro lugar em um concurso público, sua trajetória mostra que sonhos não têm CEP — mas exigem trabalho, fé e coragem para seguir, mesmo quando o caminho parece difícil.

E para ele, essa é só a primeira de muitas conquistas que ainda virão.

O especialista responde

Tomar sorvete no inverno faz mal à saúde?

Quando as temperaturas ficam mais baixas, muita gente deixa o sorvete de lado por acreditar que o consumo da sobremesa gelada pode causar gripes, resfriados ou dor de garganta. Mas será que tomar sorvete no inverno realmente faz mal à saúde?

De acordo com especialistas, a resposta é não — pelo menos não diretamente. O médico Drauzio Varella, médico oncologista e divulgador científico, já explicou em diferentes ocasiões que doenças como gripe e resfriado são causadas por vírus, e não por alimentos gelados. “Gripe é causada por vírus. Ninguém fica gripado porque tomou sorvete ou andou descalço”, afirma o médico.

O que pode acontecer, segundo profissionais de saúde, é que alimentos muito gelados provoquem um desconforto momentâneo em pessoas mais sensíveis, especialmente naquelas que já estão com a garganta irritada ou com algum processo inflamatório em curso. Além disso, no inverno, as pessoas tendem a permanecer mais tempo em ambientes fechados e pouco ventilados, o que facilita a transmissão de vírus respiratórios — fator que muitas vezes é confundido com a ingestão de bebidas e alimentos frios.

Nutricionistas também destacam que o sorvete pode fazer parte de uma alimentação equilibrada, desde que

consumido com moderação, já que muitos produtos industrializados possuem alto teor de açúcar e gordura.

Portanto, para quem está saudável, tomar sorvete no inverno não faz mal. O importante é manter bons hábitos, como alimentação balanceada, hidratação adequada e cuidados com a higiene — medidas realmente eficazes na prevenção de doenças respiratórias.



Antes de...

Antes da chave na ignição, ligar o carro era na força do braço

Houve um tempo em que dirigir não começava ao girar uma chave — começava com um suspiro fundo e um alongamento de ombros. Porque, meus caros, ligar um automóvel era praticamente uma modalidade olímpica.

Antes que a modernidade nos permitisse com a ignição elétrica, era preciso dar partida no motor “no braço”. Sim, literalmente. Os primeiros carros, como o lendário Ford Model T, vinham equipados com uma manivela na parte da frente. O motorista — ou o voluntário mais próximo — encaixava a peça no motor e girava com força, torcendo para que o carro

acordasse bem-humorado.

Não era raro que o motor respondesse com um coice. E não estou falando metaforicamente. Se a combustão acontecesse no momento errado, a manivela podia girar ao contrário com violência. Pulsos quebrados eram quase um “acessório” da experiência automobilística. Naquele tempo, dirigir exigia não apenas carteira, mas coragem.

Imagine a cena: chapéu alinhado, bigode encerado, sapatos brilhando. O cidadão chega todo elegante para impressionar a vizinhança com sua máquina fumacenta. Abre o capô,

ajusta uma alavanca aqui, regula o afogador ali, respira fundo e começa a girar a manivela. Uma, duas, três tentativas. O carro engasga, tosse, solta um espirro de fumaça. A plateia observa. A dignidade vai embora junto com o fôlego.

E quando finalmente o motor pegava, era preciso correr para o banco do motorista antes que ele morresse de novo. Porque carro antigo tinha personalidade. E, como toda personalidade forte, fazia questão de ser convencido.

Foi só em 1912 que a ignição elétrica começou a se popularizar, poupando braços e ossos. De



repente, ligar o carro virou um gesto simples — quase sem graça. Girar a chave, ouvir o ronco suave do motor e sair dirigindo. Nada de suor, nada de torcida organizada.

Hoje reclamamos quando o controle remoto demora meio segundo para destravar as portas. Esqueçemos que houve uma época em que o motorista precisava praticamente

negociar com o carro para sair de casa. E talvez seja por isso que aqueles primeiros condutores tinham um orgulho diferente: cada partida era uma pequena vitória.

Estão falando por aí...

A injustiça em qualquer lugar é uma ameaça à justiça em todo lugar.

Martin Luther King Jr.

A desigualdade extrema corrói a confiança e enfraquece as instituições.

Joseph Stiglitz

Ninguém escolhe onde nasce, mas todos deveriam ter o direito de escolher até onde podem chegar.

Muhammad Yunus

A pobreza não é natural. Ela é criada pelo homem e pode ser superada pelas ações dos seres humanos.

Nelson Mandela

Veja as edições anteriores do Falatecie de 2026

FALATECIE_95
FALATECIE_96
FALATECIE_97
FALATECIE_98
FALATECIE_99

Queremos saber a sua opinião

O Falatecie é feito pra você. Por isso, queremos saber a sua opinião sobre o nosso conteúdo e o que podemos melhorar para que você fique ainda mais informado.

Participe da nossa pesquisa, dê a sua opinião, sugestões e nos ajude a deixar nosso informativo sempre melhor pra você.

Clique aqui e avalie este informativo



ed. 100
15/02/2026
Jornalista responsável: Kella Metz